



Macropressuposição e a hermenêutica bíblica¹

Macro-assumption and biblical hermeneutics

Régerson Molitor da Silva²

Resumo/Abstract

Leste estudo tem como objetivo averiguar o princípio macro hermenêutico da (a)temporalidade e sua influência sobre os outros níveis de interpretação (micro e meso). Para poder alcançar o resultado esperado o autor lançou mão do trabalho de Martin Heidegger *Ser e tempo*. A posição heideggeriana parece se alinhar com o pensamento bíblico de um Deus temporal que atua na história de forma corrente, diferente da pré-concepção dogmática da atualidade onde Deus é atemporal. Portanto, se faz possível uma avaliação dos pressupostos hermenêuticos, em especial a macro pressuposição, para uma construção interpretativa da Bíblia.

Palavras-chave: Hermenêutica; Pressuposições; Metafísica; Atemporal.

The objective of this study is to verify the macro hermeneutical principle of the temporality or timelessness and its influence over the other interpretation levels (micro and medium). In order to fulfill this study the author used the work of Martin Heidegger *Being and Time*. The position of Heidegger seems to match the biblical thought of a temporal God who acts currently in History, opposing the dogmatic preconception of our days when God is seen as timeless. Hence, it is possible to evaluate the hermeneutical presuppositions, specially the macro presuppositions, for an interpretative construction of the Bible.

Keywords: Hermeneutics; Assumptions; Metaphysics; Timeless

¹ Este artigo foi baseado no segundo capítulo da dissertação de mestrado “A eterna e ontológica geração do Filho enunciada no Credo Niceno-Constantinopolitano: um estudo de suas implicações para o cristianismo bíblico”, apresentado pelo mesmo autor na sua conclusão do curso em 2012.

² Pós-graduado em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp), bacharel em Teologia pela mesma universidade e Pedagogia pela Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). E-mail: molitor7@hotmail.com.

Há certo desconforto quando teólogos com resultados interpretativos opostos sobre um mesmo assunto dizem usar os mesmos conceitos de *Tota e Sola Scriptura*. Assim, é natural o surgimento de algumas indagações: qual é a razão para essas contradições teológicas, sendo que a Bíblia é a fonte dos dois estudos? Qual o motivo das divergências interpretativas? Muitas respostas a estes “porquês” poderiam ser consideradas, no entanto, uma em especial merece destaque: as diferenças pressuposicionais de cada exegeta. Em outras palavras, os paradigmas hermenêuticos são responsáveis pela orientação do modelo interpretativo (CANALE, 2011, p. 252). Ou seja, as interpretações claramente contraditórias sobre um mesmo tema ocorrem devido a pressuposições diametralmente opostas adotadas por cada interprete.

A proposta deste artigo é analisar a base pressuposicional em seus vários níveis hermenêuticos destacando, em especial, o nível *macro hermenêutico* de interpretação. Para tanto, partiremos primeiramente na busca de uma definição do que seria a hermenêutica. Para facilitar o estudo, será considerada a divisão de Hans Küng (1999, p. 162-163) a qual delimita três níveis hermenêuticos: micro, meso e macro hermenêutico.

Breve definição de hermenêutica

A palavra “hermenêutica” provém do verbo grego *hermeneuein* e significa “declarar, anunciar, interpretar, esclarecer e, por último, traduzir” (PACOMIO, 2003, p. 335). De forma geral, segundo Kaiser e Silva (2002, p. 13), a hermenêutica “é a disciplina que lida com os princípios de interpretação”, ou seja, ela torna aquilo que outrora era velado em algo compreensível.

Deve-se destacar que a hermenêutica é considerada tanto uma ciência, “porque ela tem normas, ou regras, e essas podem ser classificadas num sistema ordenado”, sendo considerada também “uma arte porque a comunicação é flexível” (VIRKLER, 2001, p. 9). Isto é, ela “indica uma dupla operação: *ad extra* no sentido de exprimir, comunicar um significado; *ad intra* como exercício de interpretação que patenteia aquilo que se compreende” (PACOMIO, 2003, p. 334).

Em síntese, a principal tarefa da hermenêutica é a interpretação dos textos e a busca pela correta comunicação do seu significado. Para que isso ocorra, é preciso levar em conta a relação triangular entre autor-texto-leitor. Logo, cada texto representa a objetivação escrita de um autor com uma linguagem peculiar e com um contexto específico (PACOMIO, 2003, p. 335-336).

Além da linguagem e de seu significado no contexto histórico específico, é preciso levar em consideração, na hora da interpretação, os *frameworks*³. Em outros termos, o nosso quadro de leitura do mundo, preconceções que surgem do nosso próprio contexto vital que irá, de forma consciente ou inconscientemente, condicionar a leitura. Segundo Basevi (1986, p. 159, tradução livre): “toda compreensão supõe uma pré-compreensão, que está, por sua vez, submetida a condicionamentos externos do texto (a intertextualidade).”⁴ Portanto, ao que parece, deve-se identificar tais *frameworks* e suas pressuposições hermenêuticas, não num nível exegético (micro hermenêutico), mas num nível que sobrepõe o *framework* textual. Em outras palavras, é necessário compreender o quadro que ‘enquadra’ nossa estrutura de pensamento, os arquétipos hermenêuticos.

Na sequência, será ponderada a diferença entre a *micro*, *meso* e *macro* moldura [*frameworks*] hermenêutica. Espera-se, com isso, que a razão do distanciamento interpretativo fique mais clara ao se compreender os diferentes níveis hermenêuticos que orientam uma visão de mundo. A análise começará com a micro hermenêutica e avançará pela meso até a macro pressuposição. Esta última receberá maior atenção por se tratar de um elemento pouco discutido entre os estudiosos.

Micro hermenêutica

Segundo Canale (2011, p. 20), a micro hermenêutica se refere à exegese que se aplica ao texto. Ela faz uma análise detalhada e cuidadosa com o intuito de trazer à lume o ensino do mesmo. Gordon D. Fee (1983, p. 21, tradução livre) entende assim o conceito sobre exegese:

O termo “exegese” é usado [...] em um sentido conscientemente limitado para se referir à investigação histórica do significado do texto bíblico. A exegese, portanto, responde à questão “o que o autor bíblico *quis* dizer?”. Ela tem a ver com *o que* ele disse (o conteúdo em si mesmo) e *por que* ele disse aquilo naquele momento (o contexto literário). Ainda mais, a exegese está primariamente preocupada com a intencionalidade: “o que o autor *pretendia* que seus leitores originais compreendessem?”⁵

³ *Framework*: sistema de referência, esquema, estrutura/armação, arcabouço/esqueleto (ou seja, a parte de uma construção que se destina a resistir a cargas), contexto, sistema, modelo.

⁴ “Toda comprensión supone una pre comprensión, que está a su vez sometida a condicionamientos externos al texto (*es la intertextualidad*).”

⁵ “The term ‘exegesis’ is used [...] in a consciously limited sense to refer to the historical

Apesar da citação acima conferir resumidamente o conceito de exegese e suas preocupações como ciência, o problema hermenêutico vai além da interpretação do texto. De acordo com Sarmento (2003, p. 141-142), o intérprete não é um agente passivo; dessa forma, seria ingenuidade negar a influência dos pressupostos externos, conscientes e inconscientes, que cada leitor possui ao entrar em contato com o texto bíblico. Por mais que se tente manter uma abordagem neutra, as pré-concepções afetam a hermenêutica. O caminho não é negar a existência das pressuposições ou tentar suprimi-las; existe uma possibilidade muito maior de se entender a ideia original do autor se as pré-concepções forem consideradas de forma consciente. Para isso, é preciso deliberadamente identificá-las e, então, fazer uso das mesmas no processo exegético (SILVA, 2000, p. 9). No próximo tópico será apresentado um nível intermediário entre micro e macro hermenêuticas, isto é, a meso hermenêutica.

Meso hermenêutica

Uma questão [...] controvertida tem a ver com o relacionamento entre a teologia e a exegese [micro hermenêutica]. Enquanto que os estudiosos bíblicos tendem a ignorar ou até mesmo rejeitar o valor da teologia sistemática [meso hermenêutica] para o seu trabalho de interpretação, pode-se argumentar que os comprometimentos teológicos afetam inevitavelmente o processo de exegese e que tal influência é tanto essencial quanto desejável (SILVA, 2000, p. 1, grifo nosso).

A “meso hermenêutica trata da interpretação de questões teológicas e, portanto, pertence à área de teologia sistemática”⁶ (CANALE, 2001, p. 21, tradução livre). Logo, diferente da micro hermenêutica, que está preocupada com o texto em si e o seu significado histórico-gramatical,⁷ a meso hermenêutica tem um olhar mais amplo e se preocupa com a sistematização de

investigation into the meaning of the Biblical text. Exegesis, therefore, answers the question, What did the Biblical author mean? It has to do both with what he said (the-content itself) and why he said it at any given point (the literary context). Furthermore, exegesis is primarily concerned with intentionality: What did the author *intend* his original readers to understand?”

⁶ “Meso hermeneutics deals with the interpretation of theological issues and, therefore, belongs properly to the area of systematic theology.”

⁷ O autor desta pesquisa considera o método ‘histórico gramatical’ de interpretação como a ferramenta mais fiel ao interpretar o texto bíblico. Para uma maior compreensão do assunto, ver Gerhard F. Hasel (s.d.).

um determinado tema, isto é, a visão geral de determinado assunto. Todavia, ainda existem por trás da meso e da micro hermenêutica as pré-concepções macro hermenêuticas, que serão delineadas logo a seguir.

Macrohermenêutica

Segundo Canale:

Enquanto a micro hermenêutica se refere à interpretação textual e a meso hermenêutica trata da questão ou interpretação doutrinária, a macro hermenêutica lida com a interpretação dos primeiros princípios que operam dentro da doutrina e hermenêutica textual. A macro hermenêutica está relacionada com o estudo e o esclarecimento de questões filosóficas direta ou indiretamente relacionadas à crítica e formulação de princípios de interpretação heurística concreta (CANALE, 2001, p. 20-21, tradução livre).⁸

Em outras palavras, a macro hermenêutica condiciona a maneira pela qual os teólogos entendem a ontologia. Ela conduz a reflexões sobre o ser de Deus que, por conseguinte, orientará o pesquisador à meso (formação doutrinária) e à micro hermenêutica (exegese do texto). Desse modo, a metafísica confere sustentação ao pensar filosófico nas suas diversas áreas do conhecimento. Essa sustentação da filosofia pela metafísica pode ser ilustrada segundo o filósofo René Descartes (2009, p. 13, tradução livre): “como uma árvore [filosófica], cujas raízes é a Metafísica, o tronco é a Física, e os galhos que saem deste tronco são todas as outras ciências”.⁹ Aparentemente, a citação de Descartes se mostra completa, pois vai desde da metafísica até a moral passando pela Física.

No entanto, de acordo com o filósofo alemão Martin Heidegger, existe um aspecto inexplorado pelo filósofo francês e não só despercebido por ele, mas por todos os outros filósofos anteriores e posteriores. O que Heidegger destaca como negligenciado, de Platão a Nietzsche, é o solo em que se

⁸ “While micro hermeneutics refers to textual interpretation and meso hermeneutics to issue or doctrinal interpretation, macro hermeneutics deals with the interpretation of the first principles from within which doctrinal and textual hermeneutics operate. Macro hermeneutics is related to the study and clarification of philosophical issues directly or indirectly related to the criticism and formulation of concrete heuristic principles of interpretation.”

⁹ “[Thus all Philosophy is] like a tree, of which Metaphysic is the root, the Physic the trunk, and all the other sciences the branches that grow out of this trunk.”

encontram as raízes (metafísica) desta grande árvore (HEIDEGGER, 1969, p. 61). A hermenêutica estará condicionada pelo solo no qual a metafísica se encontra fixada (macro pressuposições), , oferecendo uma interpretação discrepante do mesmo assunto em relação a uma hermenêutica cujo solo (macro pressuposição) seja diferente. Portanto, macro pressuposições diferentes geram interpretações desiguais. Infelizmente, a influência ontológica (macro pressuposição) é negada ou passa despercebida pela maioria dos interpretes.

No próximo tópico será abordado com mais detalhes a proposta de Heidegger onde se questiona, segundo o mesmo autor, aquilo que nunca foi questionado desde Platão até o segundo milênio de nossa era (HEIDEGGER, 2005a, p. 27-30). O objetivo dele, ao entrar na problemática da hermenêutica, tem como “finalidade ontológica de desenvolver, a partir delas, a pré-estrutura da compreensão” (GADAMER, 1999, p. 44). Essa pesquisa tem o interesse nas pré-compreensões ontológicas que a metafísica trabalha. Neste trabalho, isto será chamado de “macro hermenêutica” ou “macro pressuposições”.

Metafísica como macropressuposição

120

Devo alertar que a palavra metafísica no pensamento de Heidegger, teórico de maior importância neste ponto da pesquisa, não possui apenas um sentido. Há pelo menos dois sentidos atribuídos em suas discussões. O primeiro se refere à metafísica como algo negativo, “uma fatalidade” (HEIDEGGER, 2002, p. 67). Essa é a metafísica contemporânea que ele critica, pois é um entrave ao conhecimento do verdadeiro ser. O segundo sentido que Heidegger usa é aquele que vai além do *ente, do ôntico* (HEIDEGGER, 1969, p. 39). Em outras palavras, Heidegger busca o que está além da metafísica, isto é, ele busca o verdadeiro significado do ser. Portanto, é preciso desconstruir os pressupostos dogmáticos usados por várias décadas como fonte legítima do conhecer. Essa parte do pensamento é importante ao presente estudo, pois todas as ciências estão em maior ou menor grau comprometidas com a macro pressuposição. Portanto, partindo da crítica heideggeriana feita à macro pressuposição clássica, será investigado o sentido macro hermenêutico dominante e seus efeitos sobre o pensamento ocidental. Esse será o assunto explorado a seguir.

Entendendo o paradigma metafísico

O sentido etimológico da palavra metafísica é *meta* (“além”) e *tà physiká* (“ente natural”), isto é, a metafísica busca o que está além do

ente, sua investigação é o ser ontológico não o *ente* (ôntico). Pode-se dizer que “o paradigma metafísico é a história de nossa permanência, ele não é, entretanto, o início do nosso pensar” (MICHELAZZO, 2010, p. 30), ou seja, existe uma *arché* antes da metafísica atual e é exatamente isso que Heidegger busca.

O grande problema apontado por Heidegger em relação à metafísica dogmática que tem dominado o pensamento ocidental é que a mesma deixou de ir além do ente. Para o mesmo autor, os primeiros pensadores, antes de Platão, entendiam a *phýsis* como o surgimento ou presença manifesta, por isso, a *phýsis* era vista como a unidade ordinária que congrega tanto aquilo que brota (movimento) quanto o que se retém (permanece em repouso). Para eles não havia separação do real em dois grandes blocos em permanente oposição, denominados de temporal e atemporal,

sensível e supra-sensível, material e espiritual, imanente e transcendente, ou então, conforme o dualismo moderno realista e idealista, subjetivo e objetivo. O fundo escuro da caverna e a claridade do sol na pradaria eram, para eles, formas ou manifestações de uma única realidade, porque procediam de uma mesma fonte. Não havia motivo para duvidar da realidade (MICHELAZZO, 2010, p. 31).

121

Essa forma de pensar dualística, para Heidegger é o grande problema da metafísica desde os tempos de Platão, ele considera essa “interpretação ontologicamente inadequada” (HEIDEGGER, 2005a, p. 97). Isso porque ela elimina o *ser* como *ser* (real no sentido total de *phýsis*) e passa a viver a imagem de um ente extramundano, em outras palavras, a realidade é apenas sombra de uma realidade superior e atemporal; portanto, o ser no sentido ôntico, coisificado, está longe do ser ontológico, por mais que se tente alcançar o ente supremo ainda deixará a desejar, por isso confere-se tanto valor às coisas (no sentido de ser isso ou aquilo) e o próprio ser humano passa a ser um objeto em si (HEIDEGGER, 2005a, p. 84). Para Heidegger, essa visão ontológica modela nossa visão de mundo.

No próximo tópico será analisada a chave para a compreensão da macro pressuposição, isto é, “o *tempo* é o ponto de partida do qual a presença sempre compreende e interpreta implicitamente o ser” (HEIDEGGER, 2005a, p. 45). Em outras palavras, a forma como se entende o conceito de tempo, moldará a visão ontológica e, por conseguinte, as possibilidades hermenêuticas de interpretação.

O tempo à luz da problemática da temporalidade

Segundo Heidegger (2005, p. 46) o tempo funciona como critério ontológico “para distinguir as regiões e modos do ser”, por isso, dependendo do conceito de tempo estabelecido, a visão do *ser* será diferenciada, isto é, “a problemática central de toda a ontologia se funda e lança suas raízes no fenômeno do tempo” (HEIDEGGER, 2005a, p. 46). Basicamente, existem duas formas (macro pressuposições) de entender a questão do tempo, todas as outras são derivações de uma delas.

A primeira maneira de conceber a natureza do tempo tem sua origem em Platão (2011, p. 119), que constitui o “tempo” (*krónos*) como a “imagem móvel da eternidade [*aión*] [...] uma imagem eterna que avança de acordo com o número”. Partindo do dualismo entre mundo supra-sensível e mundo sensível, Platão assume o tempo como uma aparência mutável e perecível de uma essência imutável e imperecível. Enquanto o “tempo” (*krónos*) é a esfera tangível móvel, a “eternidade” (*aión*) é a esfera intangível e imóvel. Posto que o “tempo” representa uma imagem, ele não passa de uma imitação (*mí-mesis*) da eternidade (*aión*). Ou seja, o tempo é uma cópia imperfeita de um modelo perfeito, a eternidade.

Essa parece ser a visão que a grande parte dos teólogos sustentam a respeito do tempo e, por conseguinte, da eternidade (ver HODGE, 2001, p. 189).¹⁰ Portanto, esta primeira concepção de tempo concorda com uma separação entre o mundo sensível ‘temporal’ e supra-sensível ‘atemporal’. A variação dessa percepção se dá nas diversas formas onde são construídas pontes para acessar ou não¹¹ o τόπος ούρανου (HEIDEGGER, 2005a, p. 46). Desde Platão até Nietzsche, a macro pressuposição dualística de tempo (temporal e atemporal) tem reinado como base do pensar filosófico e teológico, orientando, assim, toda a estrutura hermenêutica do conhecimento (MICHELAZZO, 2010, p. 35-66). O tempo ideal é algo que acontece fora do ser humano, ou seja, num mundo supra-sensível ou na percepção do movimento da coisa (ente) vindo ao encontro no horizonte temporal.

¹⁰ Hodge (2001, p. 189) alega que “a eternidade, o presente sem mudança, sem princípio e sem fim, compreende o tempo inteiro, e coexiste, como um momento não dividido”.

¹¹ Descartes é um exemplo de filósofo que nega o mundo supra-sensível, no entanto, coloca no lugar do mesmo o ‘*cogito, ergo sum*’ (“penso, logo existo”), isto é, continua com a mesma base dualística (*res cogitans e extensa*) onde o referencial continua fora do ser (ver MICHELAZZO, 2010, p. 60).

A segunda forma de conceber o tempo pode ser conhecida, em especial, na filosofia de Heidegger. Tal filosofia nega o conceito de tempo platônico (*krónos* como uma imagem do *aíon*) e apodera-se do conceito de tempo ‘natural’ de Aristóteles, que pela primeira vez conceituou a compreensão vulgar do tempo; a sua “interpretação do tempo movimenta-se, sobretudo na direção da compreensão ontológica ‘natural’” (HEIDEGGER, 2005b, p. 233). Contudo, apesar de aceitar o conceito aristotélico de tempo natural como movimento, ele nega o referencial que o mesmo toma (NUNES, 2000, p. 188-192). Em outras palavras, para Aristóteles, assim como para Platão, a referência temporal está fora do sujeito, no caso de Platão “acima”, num mundo supra-sensível, e em Aristóteles (*Física*, 219b) no “devenir”, interpretando o tempo em função do presente, a intuição de um agora: “o tempo é justamente isto: número do movimento segundo o anterior e o posterior”. Portanto, a visão de tempo de Aristóteles é dirigida “como [uma] sequência de *agoras* que emergem e desaparecem, [onde] temos a imagem derivada da eternidade [*aíon*] já tecida por Platão” (BLASIO, 2007, grifo nosso). Heidegger, ao contrário, interpretou o tempo em termos de possibilidade ou de projeção: o tempo é originariamente o “porvir” (*Zu-kunft*); o porvir do ente para si mesmo na manutenção da possibilidade característica como tal (HEIDEGGER, 2005b, p. 123).

123

“Porvir” não significa aqui um agora que, *ainda-não* tendo se tornado “real”, algum dia o será. Porvir significa o advento em que a presença vem a si em seu poder-ser mais próprio. É a antecipação que torna a presença [ser-aí] *propriamente* porvindoura, de tal maneira que a própria antecipação só é possível na medida em que a presença [ser-aí], *enquanto ente*, sempre já vem a si, ou seja, em seu ser, é e está por vir (HEIDEGGER, 2005b, p. 119, grifo nosso).

“Enquanto o futuro próprio tem o caráter de ‘antecipar’ ou ‘precursar’ [*Vorlaufen*], o impróprio é um ‘estar à espera’ [*Gewärtigen*]” (SEIBT, 2010, p. 255). Isto é, no futuro, no modo inapropriado, o *Dasein* (“ser-aí”) espera que o futuro faça algo dele (sujeito passivo diante do ente ativo, “o tempo passa”), enquanto que no modo próprio ele se resolve e antecipa nas possibilidades. Para isso, o *Dasein* faz uso do passado, como um “ter-sido”, que é condicionado pelo porvir porque, assim como são possibilidades autênticas aquelas que já foram, também já foram às possibilidades às quais o ser humano pode autenticamente retornar e apropriar-se (HEIDEGGER, 2005b, p. 122). Dessa forma, o “ser-aí” através do porvir retoma o passado e, com

base na antecipação, constrói as possibilidades temporais. Assim, o tempo do mundo se encontra tanto no sujeito (*Dasein*) quanto no físico (movimento do ente que vem ao encontro no horizonte).

“O tempo” não é e nunca está simplesmente dado no “sujeito”, nem no “objeto” e nem tampouco “dentro” ou “fora”. O tempo “é” “*anterior*” a toda subjetividade e objetividade porque constitui a própria possibilidade desse “anterior” (HEIDEGGER, 2005b, p. 231).

Ou seja, para Heidegger, o “ser-aí” se destaca, pois é o ser no mundo que percebe os entes intramundanos. E o ser só pode ser percebido na angústia do *não ser*, isto é, na morte, e esta é certa para todo ser (terreno). Portanto, partindo dessa certeza que está no porvir, que antecipa o agora que já está anteriormente mergulhado no passado do ser no mundo, o tempo se temporaliza. O tempo, ao mesmo tempo que existe fora do ser humano no movimento dos entes, também é subjetivo, pois parte do perceber de cada *Dasein*. No momento em que o ser encontra a morte, e passa a não ser, o tempo é interrompido (SEIBT, 2010, p. 264) (ver Ec 9:5).

124

O projetar-se “em função de si-mesmo”, fundado no porvir, é um caráter essencial da *existencialidade*. [...] portanto, o tempo do mundo pertence à temporalização da temporalidade, então ele não pode se evaporar “subjetivisticamente” e nem se “coisificar” numa “má objetivação” (HEIDEGGER, 2005b, p. 122 e 232).

Com efeito, pode-se constatar que a interpretação *modal* da temporalidade de Heidegger do *Dasein*, põe o conceito de existência dentro de seus limites e repete, do mesmo *modo*, a questão do tempo (como movimento), eliminando com base na possibilidade, o modelo “imortalista da filosofia” e com este, o seu caráter de “infinitude” e “presentidade” (HEIDEGGER, 2005, p. 236).

Em linhas gerais, Heidegger “fez a distinção entre o tempo originário [natural/próprio] e finito regido pelo instante da antecipação e o tempo vulgar e infinito [inapropriado], regido pela sucessão ininterrupta de agoras” (FERREIRA, 2003, p. 12, grifo nosso). Diferente de Platão e dos demais filósofos, Heidegger vai além da metafísica; ele se debruça na análise do solo onde a metafísica está plantada; ele vai até à macro pressuposição e traz um desvelamento onde todos são chamados para refletir sobre as ditas “verdades” que durante séculos têm sido sustentadas como ‘absolutas’ sem se considerar onde estão firmadas.

O que Heidegger propõe é um processo de desconstrução do antigo parâmetro macro estrutural e ao mesmo tempo a construção de um novo paradigma hermenêutico. Para a presente pesquisa, tal questionamento é de grande valia, pois a proposta da mesma é buscar uma abordagem que mantenha a Bíblia (*Sola Scriptura*) como o único referencial confiável na construção e na revisão de doutrinas em todos os níveis pressupicionais. Portanto, como ponto de partida, deve-se identificar qual a macro pressuposição que rege a estrutura de uma doutrina. Para que isso ocorra, pode-se começar com as seguintes perguntas: a doutrina em estudo está de acordo com a visão metafísica das Escrituras? Ou está seguindo uma macro pressuposição contrária à revelação escriturística? Qual a visão bíblica de tempo e eternidade? Com essas indagações em pauta, será dado o próximo passo nas considerações que se seguem.

Noção de tempo e eternidade na Bíblia

Para continuar será preciso responder uma importante questão: a teologia deve continuar interpretando e construindo o sistema doutrinal através de uma perspectiva hermenêutica atemporal (macro pressuposição) provinda da ontologia grega (platônica)? Ou seria necessário partir de uma nova perspectiva temporal, como por exemplo, a apresentada por Heidegger, e assim, revisar ou reconstruir o corpo de crenças cristãs? Para isso, precisamos entender a visão bíblica sobre “tempo” e “eternidade”, além de analisar se a mesma apoia a macro pressuposição proposta por Heidegger ou se apresenta outra perspectiva temporal a ser adotada.

A primeira situação bíblica de destaque *pós-queda* onde o sobrenatural transpõe e se faz presente no mundo natural é o momento *pós-libertação* do cativo egípcio. Nessa ocasião, Deus surpreendentemente confere uma ordem a Moisés para construir um santuário, onde possa habitar no meio do povo: “E me farão um santuário para que eu *habite* no meio deles” (Êx 25:8, *itálicos acrescentados*). O verbo hebraico *shakan* “‘habitar’, significa ser um residente permanente numa comunidade” (NICHOL, 2011, v. 1, p. 685). De fato, numa visão clássica (platônica) esse texto seria interpretado como metafórico; contudo, admitir tal método de interpretação significa trabalhar sobre uma base ilusória, negando que a esfera sobrenatural se mostra perfeitamente compatível com a temporalidade e historicidade do

mundo natural e impor ao texto bíblico uma realidade metafísica ausente no mesmo (CANALE, 2011, p. 97).

Uma segunda situação ocorre quando Ele (Deus) que “mora em luz inacessível” (1Tm 6:16) encarnou como um semelhante a nós. O apóstolo João faz eco à passagem de Êxodo 25:8, quando escreve: “E o Verbo se fez carne e *habitou* entre nós” (Jo 1:14, *itálicos acrescentados*). Literalmente, “o Verbo ‘*tabernaculou*’ entre nós”, “fez morada”, “armou sua tenda”. O divino, pertencente à esfera do sobrenatural (Jo 1:1-2), “se fez carne”. Logo, o sobrenatural está imerso no natural. Na visão clássica, “Deus e o mundo sobrenatural são atemporais, uma mudança na natureza divina do Verbo da forma não encarnada para a encarnada é impossível” (CANALE, 2011, p. 98). Por conseguinte, a encarnação requer uma compreensão histórico-temporal, onde o sobrenatural e o natural apesar de diferentes (não opostos) se harmonizam.

Seguindo a mesma ênfase, em Apocalipse 21:3, na promessa de restauração da Nova Terra, aparece o sobrenatural habitando para sempre no mundo natural: “Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará [do grego *Skênê* – “tenda, tabernáculo, residência”], e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.” Portanto, a promessa é que Deus habitará com os homens no mundo temporal pela eternidade; o próprio trono de Deus, a nova Jerusalém desce do “céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido” (Ap 21:2). Nesse sentido, “a Bíblia desconhece um Deus atemporal ou um céu sem acontecimentos” (SHEDD; PIERATT, 2000, p. 12). Segundo Canale (2011, p. 97, *itálicos acrescentados*), “o ponto é que não existe nenhuma razão, seja bíblica, lógica ou filosófica [...] [para] aceitar a noção atemporal da esfera sobrenatural”.

Além das situações que negam a macro pressuposição hermenêutica de dois domínios (temporal e atemporal) apresentadas acima, também é possível recorrer à análise da palavra hebraica ‘*olam* (“eternidade”), que no Antigo Testamento “não designa a eternidade como atemporal, isto é, tempo imutável, nem como tempo ainda oculto no presente; mas מְלִוִּי significa, sobretudo, o tempo mais distante, e isso tanto em direção ao passado quanto em direção ao futuro” (WOLFF, 2007, p. 148-149). Da mesma forma, Oscar Cullmann (2003, p. 83) assegura que, no Novo Testamento, a palavra grega *aiôn*, equivalente a ‘*olam*, tem o mesmo sentido “para designar seja um espaço de tempo *delimitado com precisão*, seja uma duração *ilimitada e incalculável* que nós traduzimos por “eternidade””. Em suma:

Segundo a Bíblia, Deus está consciente da ordem temporal e vitalmente vinculado a ela. O Deus eterno não está separado do mundo temporal e espacial. Isso significa que o conceito bíblico de eternidade de Deus não é idêntico à atemporalidade platônica e à negação do tempo, ou o tempo como “a sombra do eterno” (GARRETT, 2003, p. 229-230, tradução livre).¹²

Segundo a visão clássica do mundo natural e sobrenatural, o que faz separação entre Deus e o ser humano é a natureza ontológica atemporal de Deus e, por isso, é impossível à presença do sobrenatural no tempo espaço. Todavia, ao averiguar o conceito bíblico do que de fato faz separação entre Deus e a humanidade, conclui-se que é o pecado, e não a natureza temporal *versos* atemporal, que separam a humanidade da divindade: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que não vos ouça” (Is 59:2). Deus *na* história do ser humano, todavia, a marca da ‘ausência de Deus’ é por conta do pecado e não por causa de sua natureza sobrenatural em oposição à nossa natureza (CANALE, 2011, p. 100).

Considerações finais

127

Por fim, entende-se que as pressuposições afetam de forma consciente ou inconsciente a hermenêutica e que, dependendo do referencial tomado, a interpretação poderá ser diametralmente oposta. Como foi dito acima, existem dois tipos básicos de macro pressuposição: a primeira, adotada pela maioria dos teólogos (de Platão ao séc. 19), assume que a visão de mundo é dualística, isto é, o mundo sensível (temporal) é apenas a imagem do mundo supra-sensível que possui um tempo infinito (atemporal) regido pelo agora.

Por outro lado, em segundo lugar, há de se considerar a proposta inovadora de Heidegger de desconstruir esta forma de pensar a partir do real, isto é, este mundo não é uma sombra de um mundo superior e atemporal. O tempo se temporaliza a partir do “ser-aí”, logo, o tempo é finito assim como cada ser num mundo finito, pois a temporalização se temporaliza na relação do ser no mundo com os outros entes percebidos pelo *Dasein*.

¹² “Según la Biblia, Dios está consciente del orden temporal e vitalmente vinculado a él. El Dios eterno no está divorciado del mundo temporal y espacial. Esto significa que el concepto bíblico de la eternidad de Dios no es idéntico a la intemporalidad platónica y a la negación del tiempo, o al tiempo como “la sombra de lo eterno.”

Diante das duas perspectivas macro pressuposicionais apresentadas, se existe a necessidade ter um resultado interpretativo de acordo com o princípio *Sola Scriptura*, deve-se usar o conceito temporal de Deus, pois está de acordo com a revelação. Por outro lado, a visão platônica de um mundo sobrenatural atemporal não deve ser aceita, pois a mesma não tem amparo bíblico. Assim, todo exegeta deve questionar suas pré-concepções a nível micro (exegese), meso (doutrinário) e macro de pressuposições a fim de adotar a visão bíblica de esfera sobrenatural histórico-temporal. Dessa maneira, ele poderá argumentar a partir de alicerce adequado e, assim, obter uma interpretação mais fidedigna ao texto bíblico. ✍

Referências

ARISTÓTELES, **Física**, Madrid: Editorial Gredos, S.A., 1995.

BASEVI, C. La función hermenéutica de la tradición de la Iglesia. **Scripta Theologica**, v. 18, n. 1, p. 159-174, 1986.

128 BLASIO, C. Sobre a ideia de tempo vulgar de Martin Heidegger. In: **Revista Ética e Filosofia Política**, [on-line], Juiz de Fora, v. 10, n. 2, dezembro, 2007. Disponível em: <http://bit.ly/14Sajal>. Acesso em: 27 de agosto 2012.

CANALE, F. L. Evangelical theology and open theism: toward a biblical understanding of the Macro Hermeneutical principles of theology? **Journal of the Adventist Theological Society**, v. 12, n. 2, p. 16-34, 2001.

_____. **O princípio cognitivo da teologia cristã**: um estudo hermenêutico sobre Revelação e Inspiração. 1 ed. Engenheiro Coelho: Unasp, 2011.

CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. São Paulo: DP&A, 2003.

CULLMANN, O. **Cristo e o tempo**: tempo e história no cristianismo primitivo. São Paulo: Custom, 2003.

DESCARTES, R. **Selections from the Principles of Philosophy**, Teddington: London, 2009.

FEE, G. D. **New testament exegesis**: a handbook for students and pastors, Philadelphia: The Westminster Press, 1983.

FERREIRA, A. M. C. A finitude do tempo em Heidegger. In: SALLES, J. C. (Org.). **Filosofia e Consciência Social**. Salvador: Quarteto, 2003.

GADAMER, H-G. **Verdade e método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GARRETT, J. L. **Teología sistemática**: tomo I. El Paso: Texas, 2003.

HASEL, G. F. **A interpretação bíblica hoje**. São Paulo: Seminário Latino-americano de Teologia, [19-?].

HEIDEGGER, M. A superação da metafísica. In: **Ensaio e Conferências**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Que é Metafísica?** São Paulo: Duas Cidades, 1969.

_____. **Ser e tempo**: parte I. Petrópolis: Editora Vozes, 2005a.

_____. **Ser e tempo**: parte II. Petrópolis: Editora Vozes, 2005b.

HODGE, A. A. **Esboço de teologia**, São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2001.

KAISER W. C. JR.; SILVA, M. **Introdução a hermenêutica bíblica**: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.

KÜNG, H. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1999.

MICHELAZZO, J. C. **Do um como princípio ao dois como unidade**: Heidegger e a reconstrução ontológica do real. São Paulo: Annablume, 2010.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Comentário bíblico Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 1.

NUNES, B. Heidegger e Aristóteles. In: CEQUEIRA, L. A. (Org.). **Aristotelismo antiaristotelismo**: ensino de filosofia. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

PACOMIO, L. (Ed.). **Lexicon**: dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

PLATÃO, **Timeu-Crítias**: tradução do grego. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; SILVA, M. O Argumento em Favor da Hermenêutica Calvinista. **Fides Reformata**, v. 5, n. 1, Jan-Jun, p. 9, 2000. Disponível em: <<http://bit.ly/16TfHv1>>. Acesso em: 16 jan. 2012.

SEIBT, C. L. Temporalidade e propriedade em Ser e Tempo de Heidegger. **Revista de Filosofia Aurora**, v. 22, n. 30, p. 247-266, jan./jun., 2010.

SHEDD, R. P.; PIERATT, A. (Ed.). **Imortalidade**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

VIRKLER, H. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001.

WOLFF, H. W. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Hagnos, 2007.

HASEL, G. F. **A interpretação bíblica hoje**. Itapetcerica da Serra: IAE, [S.d.].

130

PLATÃO. **Timeu-Crítias**: tradução do grego, introdução e notas Rodolfo Lopes. 1. ed. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

HODGE, A. A. **Esboço de teologia**. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 2001.

MICHELAZZO, J. C. **Do um como princípio ao dois como unidade**: Heidegger e a reconstrução ontológica do real. São Paulo: Annablume, 2010.

Enviado dia 17/01/2013

Aceito dia 15/04/2013

